

## **Algumas questões sobre danças e escritas<sup>1</sup>**

Ana Rizek Sheldon (UFBA/BR)

### **Resumo**

Esse texto é um exercício de formulação de questões e dúvidas acerca da noção de dança que se desestabilizou a partir das vivências em três terreiros em ocasiões de celebração aos caboclos. A descrição de algumas dinâmicas experimentadas nessas situações é mobilizada para um estudo que possa atribuir a elas, mais força de fazer pensar. O intento não é de circunscrever limites precisos que voltem a estabilizar a noção de dança, mas alargar seu horizonte para colocá-la em movimento pelas possibilidades que a escrita lhe traz e que as situações narradas acarretam. O artigo traz duas práticas em vias de conexão, a dança (nesse caso, a dança dançada por caboclos nos candomblés mencionadas) e a escrita, para desenvolver os termos dessa conexão, através de relatos de situações em que pude presenciar um caboclo dançar. As descrições apresentam diferentes circunstâncias em que o filho de santo rodou com seu caboclo, instaurando mudanças e efetuando relações a partir de sua chegada.

**Palavras-chave:** dança, caboclo, candomblé

### **Introdução**

Quando decidi estudar a dança dançada por caboclos nos ritos de religiões de matriz africana no Brasil e em Salvador, eu conhecia pouquíssimo dessas entidades fascinantes. O trajeto do meu estudo foi desviado por um caminho inesperado que me obrigou a adentrar seu universo até então desconhecido e gerou muitas dúvidas sobre noções antes estabilizadas. A entrada em um novo campo de processos e interações, obriga a ir devagar, se mover comedidamente, reestabelecer contornos das possibilidades por seguir. A questão que dispara as reflexões organizadas nesse texto deriva desse desvio e suas implicações e da proposição de Stengers (2005: 184) de que abordar uma prática é aproximar-se dela pelo que ela diverge (e divergir é criar algo que tenha importância), sentir suas fronteiras, experimentar com as questões que os praticantes julgam relevantes, ainda que não sejam diretamente suas questões. Para a autora, importa atentar para a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

formulação de perguntas que não insultem<sup>2</sup> os praticantes, ou desatem sentimentos estabelecidos entre eles e os mobilizem a reestabelecer fronteiras para se proteger do que vem de fora. Para tanto, a filósofa sugere uma ecologia das práticas, como uma ferramenta (não neutra) para pensar com o que está acontecendo. O gesto de manusear essa ferramenta é, a cada vez, particular e assim é produzido e produz um relacionamento de relevância entre a situação e a ferramenta. Por ser uma ferramenta do pensamento, ela deve resistir a hábitos que levariam ao reconhecimento de traços gerais de determinada prática para outras situações previamente identificadas, encaixadas a conceitos específicos, distanciados da co-implicação entre a ocorrência prática e suas condições de existência. O que está em jogo é a possibilidade de dar a situação o poder de nos fazer pensar com ela e, talvez, compor um pensamento que escape de associações habituais.

E é isso que esse texto ensaia: um exercício para colocar as questões e dúvidas acerca da noção de dança que se desestabilizou a partir das vivências que tive em campo para que, com elas, as situações futuras de estudo possam ter mais força de fazer pensar. Por esse motivo, o intento não é de circunscrever limites precisos que voltem a estabilizar essas noções, mas alargar seu horizonte para colocá-las em movimento pelas possibilidades que a escrita traz e que situações futuras trarão. Temos, então, duas práticas em vias de conexão, a dança (nesse caso, a dança dançada por caboclos nos candomblés que foram e ainda serão estudados) e a escrita. Para desenvolver os termos dessa conexão, gostaria de trazer três relatos de situações em que pude presenciar um caboclo dançar. As descrições apresentam diferentes circunstâncias em que o filho de santo rodou com seu caboclo, instaurando mudanças a partir de sua chegada.

## **Caboclos e movimentos**

### **Fazer chegar**

Lage Mineiro é o caboclo de um jovem pai de santo negro, que reside em Salvador. Pude vê-lo dançar em três momentos distintos e em três terreiros diferentes. Em cada uma das vezes que encontrei com ele, sua presença se deu em condições distintas. A primeira delas foi no aniversário do marujo de um outro pai de santo em seu terreiro no bairro Sete de Abril (um bairro periférico da capital baiana). A segunda, foi numa festa oferecida em

---

<sup>2</sup> “Approaching a practice then means approaching it as it diverges, that is, feeling its borders, experimenting with the questions which practitioners may accept as relevant, even if they are not their own questions, rather than posing insulting questions that would lead them to mobilise and transform the border into a defence against their outside”. Agradeço aos coordenadores do GT por chamarem minha atenção quanto a tradução desse trecho.

homenagem aos caboclos, um dia depois da comemoração da Independência da Bahia, no terreiro onde ocorreu a feitura do babalorixá que recebe Lage Mineiro localizada em Cajazeiras. Nessas duas ocasiões a liderança estava presente como convidado e por isso, permaneceu sentado, assistindo os primeiros instantes do rito em que se tocavam para Orixás e Inquices. A terceira vez que pude ver esse caboclo dançar, foi numa celebração em sua reverência, no endereço em que hoje é o seu terreiro, localizado no bairro da Liberdade.

Em todos esses eventos, sua movimentação leve e sua atitude alegre envolveram outras pessoas e entidades em interações descontraídas e bem-humoradas. A primeira ocasião foi numa tarde quente de um sábado de março, sua chegada se deu no meio da festa, rodeado por um círculo de caboclos que dançavam, fumavam, bebiam cerveja e demandavam atenção dos ogãs, equedes e demais presentes. Visitantes e convidados adensavam o barracão ao som da viola, das canções, batidas de palmas e dos atabaques. Pouco antes de Lage Mineiro se fazer presente, o pai de santo estava sentado na lateral do barracão quando foi convidado por um caboclo de pena a sambar dentro da roda. Depois de alguns instantes dançando juntos, a liderança tentou sair da roda para retomar seu lugar na cadeira de onde levantara. Sua tentativa de se sentar foi interrompida pelo caboclo com quem dançava, que o golpeou com uma leve cabeçada na região do ventre. A cabeçada pareceu ativar o processo de chegada da entidade, pois foi sucedida por um barravento, que virou num giro e estremeceu em vibração intensa e curta o corpo do rodante, engajando duas ou três equedes que permaneceram próximas para o caso de uma eventual perda abrupta de equilíbrio ou uma queda, o que não aconteceu. Quando o caboclo chegou, foi levado para os quartos internos do terreiro para ser vestido e paramentado. Voltou com uma roupa verde, estampada de folhas, um cinto de palha que prendia algumas cabaçinhas e uma vara de bambu. Quando adentrou novamente o barracão, saudou a mãe de santo mais velha no local, com um salto e um mergulho ondulado que levou sua cabeça para baixo, seguida do resto do corpo que pareceu planar suave em direção ao solo. Aos pés da matriarca, recebeu sua bênção e a de outra yalorixá que estava sentada ao seu lado, na frente dos tambores. Em seguida, ele se levantou, cantou que vinha de longe, passara pela mata para chegar até ali. Sua cantiga foi respondida pelos tocadores e por todos os presentes na festa, enquanto ele brincava com seu samba ágil, marcado por saltos e giros num pé só, ao girar seu tronco desenhava

espirais com os ombros, causando movimentos sinuosos que lembravam pequenos redemoinhos de vento varrendo folhas, ciscos e outras miudezas. Ele parecia flutuar.

Podemos pensar a presença de Lage Mineiro como algo efetuado em cada uma das ocasiões em que a sua dança acontece. A ocorrência da festa pública, como no exemplo descrito, engaja não apenas os filhos de cada terreiro, mas filhos de santos dos outros terreiros, cujos caboclos ou trajetórias se cruzam em momentos, em famílias de santo e outras tramas de relações. O caboclo de pena cuja cabeçada precedeu a vinda de Lage Mineiro pareceu ter traçado um caminho para efetuação da sua vinda. Essa efetuação pode depender de muitos arranjos de relações que se atualizam quando um caboclo está por vir. No trecho a seguir de *The taste of blood*, Wafer menciona que alguns ritos podem anteceder a abertura da celebração aos caboclos:

Uma festa pública geralmente começa com um sacrifício privado, que pode ser em honra de um caboclo já “assentado” ou, para o nascimento, isto é, o “assentamento” de um novo caboclo. [...] A parte pública da festa de caboclo pode começar com o ritual comum aos orixás [...] não se espera que os orixás dancem na festa de caboclos, mas se isso acontece eles são logo “suspensos” sem ser dado a eles a oportunidade de dançar. Quando o ritual dos orixás é concluído, o líder dos tocadores e cantadores abre a festa dos caboclos propriamente dita, com uma canção [...] Com o continuar das músicas os caboclos começam a chegar e assim que chegam, eles cantam uma canção de cumprimento [...] (1991, 46- 47)

A feição do rito aos caboclos pode abrigar convidados conhecidos ou visitantes desconhecidos dos terreiros, mas os procedimentos para sua realização envolvem preparativos que envolvem cerimônias fechadas. Se pensarmos na festa aberta como uma ocorrência situada em processos que não se encerram na sua duração, se for pertinente pensar na festa como fruto e desencadeador de movimentos que extravasam a circunscrição espaçotemporal do evento, então a efetuação da presença de um caboclo e da possibilidade de sua dança se dar ganha outros contornos. Quais práticas compõe as condições para um caboclo dançar?

Através do trecho do texto de Wafer, algumas mudanças dinâmicas presentes nessas situações, podem ser mencionadas: primeiro uma diferença de abertura entre momentos

da cerimônia. Depois, uma parte do rito em comum com orixás ou inquíces que, porém, são logo suspensos, suas danças são interrompidas, embora passem pela festa e partilhem a abertura do corpo do rodante com a vinda dos caboclos. Finalmente tocadores e cantadores abrem o momento dedicado exclusivamente aos caboclos, uma canção é entoada para produzir uma mudança no tom do rito, que chama progressivamente as entidades. As próprias entidades atualizam suas presenças quando, elas mesmas, entoam salvas de chegada, por exemplo. Essas variações dinâmicas também são efetuadas por um conjunto relações entre os sons (de tambores, violas, caxixis), substâncias (a fumaça de charutos e cigarros, o consumo de bebidas alcólicas e comidas), que podem favorecer ou colocar em jogo e negociação a permanência ou despedida das entidades. A circulação de substâncias e a conexão da qual depende a relação entre movimento e som dependem diretamente de interações entre os presentes. Se um caboclo não for ouvido no seu cantar, sua cantiga não vai ser cantada por todos e isso pode mudar seu ânimo, sua disposição. Muitas linhas de conexão povoam a festa: mão e boca, mão e couro, som percutido e pés pisando o chão, o acompanhamento das palmas e do canto de respostas às cantigas tiradas pelas entidades também são imprescindíveis para que um caboclo possa dançar. A chegada do caboclo parece uma boa situação para pensar como sua presença se efetua, quais são os efeitos da entidade em se fazendo presente e como se dão os modos de abrir caminho para cada dança acontecer.

### **Convite a conexão**

A segunda ocasião em que vi Lage Mineiro dançar, foi numa festa que começou na manhã do primeiro domingo de julho. O babalorixá da casa, apesar de ser um anfitrião caloroso e demonstrar muita dedicação às entidades e atenção com os preparos da festa, não roda com caboclo, o que não o impede de acolher e celebrar os encantados de seus filhos. Durante os toques aos orixás e inquíces, o barracão não estava cheio e sobravam cadeiras vazias. Ao longo da cerimônia, convidados e visitantes foram chegando e tomando seus lugares em poltronas de madeira ou cadeiras plásticas respectivamente. A presença de Lage Mineiro, nessa festa, foi requisitada quando os primeiros caboclos já estavam devidamente vestidos. Nesse dia, sua vinda foi precedida por um convite. Quem o convidou para sambar dessa vez foi o caboclo do rodante que havia conduzido o xirê, um homem altíssimo, forte, muito carismático, de tez retinta, movimentação precisa e gestos amplos. Sua figura impressionava pela riqueza dos detalhes de sua vestimenta: bata e calças de tecido africano estampado de azul e cor-de-rosa, um cocar de plumas azul-anil,

azul marinho e pretas, entremeadas com penas de pavão, enfeites nos tornozelos com o mesmo padrão de penas. Empunhava uma lança de madeira entalhada com padrões geométricos e mais penas de pavão (que foram distribuídas para algumas pessoas com quem conversou durante a festa). Na dança dessa entidade, dois movimentos eram bastante singulares. Quando fazia piruetas, se inclinava diagonalmente, fazendo com que seu corpo girasse sempre enviesado entre as linhas horizontais do teto e do chão, com isso evitava de bater o cocar no teto e causava impressão de ser leve, apesar de ser grande. Suas trajetórias pelo barracão tinham um jeito próprio: um pouco antes de caminhar numa determinada direção, ou saudar uma entidade, autoridade ou pedir bênção, ele inclinava o tronco, fazendo um arco com o plexo solar para cima e para trás, acentuado pela dobra dos seus joelhos. Foi o abraço desse caboclo que marcou, nessa ocasião, o processo de chegada de Lage Mineiro. A aproximação da entidade produziu, em comparação com a primeira situação descrita, menos giros e desestabilizações do equilíbrio dinâmico no eixo vertical da coluna. Ainda assim, fez vibrar intensamente todo o corpo do rodante, que passou a mão no rosto e na orelha esquerda algumas vezes, como se tentasse se livrar de algo na frente ou no ouvido.

Só depois de alguns instantes, a chegada da entidade se completou e ele foi levado ao quarto interno do terreiro para então, retornar vestido com vestes brancas e azuis, pequenas cabaças amarradas a cintura, chapéu e uma vara de bambu. Lage Mineiro foi um dos caboclos que mais cantou e dançou nesta festa. Ele e o outro caboclo de pena, descrito acima, viraram alguns dos convidados, chamando a presença das entidades de outros rodantes. Um jovem sentado perto da porta de saída do barracão, foi notado pelos dois que sambavam próximos a ele. Os dois passaram a se deslocar na direção do jovem, se aproximando e se afastando dele. Na primeira aproximação, um deles lhe entregou sua lança, depois o outro lhe colocou o chapéu, a fim de que aceitasse o convite de sambar com eles, o jovem então se levantou, mas antes de chegar ao centro da roda em que dançavam os caboclos, foi tomado pela sua respectiva entidade. Outro convidado também apresentou uma certa resistência frente à interação dos caboclos, seu marujo chegou depois de muitos convites para sambar com eles e provocações. A chegada desse último caboclo atizou o clima geral da comemoração. Lage Mineiro afirmou aos, nesta altura, muitos visitantes que o marujo era muito bagunceiro. A entidade se movia muito pelo barracão, sempre cambaleante, exigindo daqueles que estavam sentados, pequenos deslocamentos para abrir caminho, ao passar ele se apoiava nas cadeiras com uma mão e

segurava uma garrafa de bebida destilada na outra, que fez questão de comentar ser uma garrafa de bebida falsificada. O marujo, ao chegar, dobrou o corpo do rodante em dois ângulos de noventa graus, com os joelhos completamente dobrados e o tronco inclinado para frente, a instabilidade do seu caminhar parecia ainda mais evidente, mas seu samba agachado era bastante firme, nessa rearticulação radical dos ângulos e dobras da postura do rodante, os sapateados eram ainda mais enfatizados.

Em um momento da festa, quando os caboclos vestidos já tinham realizado suas salvas de apresentação, Lage Mineiro se dirigiu a uma filha de santo, cujo caboclo não apresentava veste própria, mas roupa de ração, tecidos amarrados no tronco e um ojá torcido como uma coroa ao redor da cabeça. O caboclo ainda não tinha se apresentado, não conversava muito e tinha um ar um pouco tímido. De mãos dadas com ele, Lage Mineiro se dirigiu à frente dos atabaques, fez seu camarada ajoelhar ao seu lado e entoou uma salva para apresentar o caboclo. Logo em seguida, o caboclo continuou cantando até que todos respondessem seus versos. Depois disso, as duas entidades caminharam até a cadeira do babalorixá da casa, Lage Mineiro cantou uma salva em reverência a autoridade e à Logun-Edé (o orixá da liderança), e saltou estirando o corpo no chão aos pés do babalorixá, seguido por um gesto semelhante do outro caboclo.

O momento dos caboclos tomarem o rumo é mencionado por Santos (1995, 108) e Lody (1977, 10) como aquele que suscita a ligação entre presença, performance dançada e a importância que as entidades vivas dos tambores têm na vitalidade geral da festa e particular de cada movimento. No caso da situação descrita no parágrafo anterior, uma entidade conduz a outra na direção aos tambores, tomando a frente para apresentar quem é e de onde veio, fortalecendo um vínculo possível entre o caboclo, o terreiro e o pai de santo. Ao escrever sobre a relação entre a presença dos caboclos no candomblé e o toré, Tromboni (2012, 115-116) menciona a pisada da dança ao som dos maracás, elevadas com o fumo e o vinho da jurema como uma ativação de linhas de conexão com uma memória viva, mencionada também pelo canto. O diálogo, além do canto, é sempre presente entre uma dança e outra, caboclos podem dar recados, conselhos, prescrever receitas e medidas de cuidado, além de dar broncas e brigar com os presentes.

No samba de Caboclo a participação é crescente, na medida em que o próprio Caboclo que estiver dançando tira alguém para sambar no meio do barracão. O convite é feito em meio ao samba, através de um gesto

corporal, que pode ser um inclinar de ombro ou um dobrar de perna na direção da pessoa que deve dançar. (SANTOS, 1995, 109)

O convite a participar pode ocorrer com diversos propósitos e provocações, podem ir do desafio ao flerte, com a proposição de convocar um caboclo de um convidado, ou conduzir um caboclo recém-nascido ou recém-chegado à casa a aprender condutas particulares, passos de dança ou trejeitos específicos de movimento. Mais de uma vez, testemunhei situações em que um caboclo mais velho (geralmente são aqueles que dançam primeiro), convida um caboclo mais novo para dançar, ou simplesmente, ao notar que a movimentação do seu companheiro destoa dos demais, se aproxima para dançar ao lado dele. Nesses momentos em especial, uma cumplicidade é travada entre as entidades e é possível sentir uma sintonização entre as dinâmicas do movimento se conformar e ser performado, como se uma ressonância tomasse a vibração dos tambores e dos pés, ajustando balanços confluentes, embora nunca idênticos entre os camaradas e seus parceiros.

### **Criar importância**

A terceira ocasião em que vi Lage Mineiro dançar, foi numa celebração em sua homenagem, no terreiro que é a sua casa. Nesse caso, foi o pai de santo quem conduziu a cerimonia dos toques aos Inquices, auxiliado por equedes, mais velhos e mais novos que lá estavam. Quando a dinâmica virou, a chegada do caboclo foi comemorada por todos, ele foi o primeiro caboclo a chegar e o último a ir embora. Sua vinda foi evidenciada inicialmente com tremor e rodopios, mas se consumou, e depois dele os caboclos dos outros filhos de santo chegaram rapidamente.

Apesar de geralmente a vinda dessas entidades ser seguida de um processo de despir os rodantes de suas contas e acessórios que possam incomodar os caboclos, uma das rodantes presentes permaneceu com uma conta âmbar no pescoço, detalhe que mais tarde ganhou importância. Depois de virados, todos foram levados por uma escada na lateral do cômodo que dava acesso a um quarto restrito. Cada um deles reapareceu no barracão e se apresentou de maneira singular, tanto no modo de vestir, como no de cantar e dançar. Lage Mineiro se movia especialmente saltitante pelo barracão, sempre retornando para a região em que se localizavam os atabaques. Abraçou todos os ogãs, equedes e filhos do terreiro, conversou com visitantes e convidados, fez questão de mostrar a sua casa: uma pequena área delimitada por paredes baixas ao lado da porta de entrada do barracão onde



era possível avistar um altar central com objetos e adereços da entidade e talvez dos caboclos de outros filhos de santo. A filha da casa que trazia uma conta âmbar no pescoço, voltou vestida com uma saia, uma calça e um camisu leves, estampados com um tecido que a fazia parecer um peixe. Ela estava também com um ojá amarrado na cabeça, mas ao invés de um modo torcido de amarração ao redor da testa, o tecido estava preso com um laço na parte de trás da cabeça. Depois das apresentações de alguns de seus camaradas, Lage Mineiro convidou essa entidade a acompanhá-lo a frente dos tambores, sua interação com ela se assemelhava muito ao jeito como já o tinha visto convidar moças, equedes e convidadas para dançar com ele – olhando e comentando a beleza delas. Só desse momento em diante, se confirmou que se tratava de uma cabocla – uma cabocla Iara, uma entidade de água doce. Os gestos da cabocla não eram tão diferentes daqueles dos caboclos, sua voz tinha um volume muito baixo e depois de sambar um pouco, distribuir abraços e bênçãos, permaneceu muitos momentos sentada, fumando charutos com a brasa para dentro da boca, aguardando alguém falar com ela, ou convidá-la para dançar.

Raul Lody, em *Samba de Caboclo sistematiza características gerais sobre o culto aos caboclos*, dando especial atenção à suas danças:

O samba de Caboclo se apresenta como importante elo onde as cantigas e danças servem de elementos propiciatórios que colocarão os adeptos em contato com seus Caboclos ou Encantados, que vêm participar das festas, contando seus feitos e puxando as melodias de sua predileção. Os Caboclos cantam publicamente e conversam com a assistência; geralmente são alegres e sambam animadamente, mostrando suas habilidades, e verdadeiros desafios são realizados pelo ato de sambar, e os Caboclos, de acordo com suas habilidades de dançarinos, realizam passos, volteios e gingados diversos. (1977, 4)

No texto de Lody, canto e dança são um elo de conexão entre caboclos e adeptos, são ainda modos de apresentar as histórias das entidades e suas posições na trama de relações que uma festa pode colocar em evidência. A relação entre tocadores e entidades é fundamental para o desenrolar do ritmo da festa e também para a apresentação de cada um dos encantados que vêm em terra sambar. O modo como se apresentam depende intrinsecamente da disposição dos tocadores em manter a vibração do samba enquanto salvas de chegada são entoadas, mas também dependem das disposições entre os próprios caboclos. Uma conexão específica entre tambor e samba, que geralmente é regada a

cerveja tanto da parte dos ogãs, quanto dos caboclos, é alimentada pela autonomia das entidades em reivindicar dinâmicas, corrigir andamentos e batidas, convidar visitantes para acompanhá-los na dança e até, em alguns casos, apontar flechas, arpões, lanças e desaforos aos cantadores. Cada uma dessas situações se efetua, a cada ocasião de acordo com a maneira viva da multiplicidade que compõe a ocorrência da celebração.

### **Condição para o movimento**

Em cada uma das situações descritas, Lage Mineiro se comportou de maneiras diferentes. Seu modo de se apresentar pode ser visto como um uma condição encarnada dos modos pelos quais sua vida é tecida, composta pelas situações e relações que vive (MOL & LAW 2004, 44). O modo como sua presença se faz notar é composto e sancionado por práticas envolvidas em dinâmicas cotidianas, que requerem aprendizagem progressiva de ser afetado (LATOURE 2008, 43). A cada situação em que via o caboclo, mais nuances e distinções de sua chegada virando o rodante, seu modo de conversar, beber, fumar foram tomando sentido, assim como as relações que a presença da entidade instituem nesse meio sensorial. Podemos dizer que perceber o caboclo envolve uma aprendizagem que depende da mediação de arranjos artificiais para acontecer, esses arranjos envolvem outras pessoas, outros seres ou proposições (rítmicas, musicais, gestuais).

A ocupação de um mundo cada vez mais diferenciado e a mudança na habilidade em perceber e registrar estas diferenças se atrela naquilo que fazemos, pensamos, sentimos e imaginamos. Na medida em que aprendemos a nos afetar, mais articulados estaremos às proposições, mais distintas e detalhadas elas se tornam para nós no seu transcorrer e nas relações que delas emergem. E quanto mais detalhadamente diferenciada é a situação que vivemos, mais delicada se torna a tarefa de fazer perguntas relevantes com ela. Perguntas relevantes que relacionem os envolvidos nas suas formulações e possam criar divergência e reorganizar aquilo que importa na prática e vincula os praticantes em questão.

Algo que parece importante nas situações que procurei descrever é que a chegada de um caboclo numa festa de candomblé é um acontecimento articulado, que depende de diferentes condições e envolve múltiplas relações. Os vínculos que os caboclos tecem em suas histórias, seus laços de camaradagem e afiliação são entrevistados na maneira como convocam uns a companhia dos outros, como se desafiam a dançar. É como se o movimento de um se ligasse ao movimento de outro na composição de suas danças a cada situação, a cada festa ou composição de sua presença. Essa ligação é efetuada pelo

movimento, por alguns trejeitos e modos do gesto tomar forma que podem reforçar as relações já existentes ou ainda por se estabelecer entre caboclos. Algo, no modo do movimento acontecer, pode ser ao mesmo tempo singular e coletivo, pontual no em sua ocorrência e compartilhado com outros.

### **Disposição e vínculo**

Eu passava muito mal de santo, da espiritualidade, eu era jovem, tinha 15 para 16 anos quando ele me pegou a primeira vez. Já tinha passado mal no momento da festa, mas ele não pegou logo. Isso foi na casa da minha avó, me levaram para um quartinho que dava para os fundos da casa e eu fiquei lá, tentando voltar ao normal. Foi quando vi aquela porta que se arreganhou, veio aquele homem, eu não vi ele, eu vi aquele homem vestido de couro [o boiadeiro de sua futura mãe pequena] apontando para mim, mas eu não tinha visto ele [Lage Mineiro]. E acho que foi o momento da transação, porque ele se manifestou a primeira vez. Foi quando ele me pegou, trouxe as músicas, as salvas, o que ele comia, o que ele fazia, quem era ele. E na realidade, ele é um caboclo ancestral da minha família, porque minha tataravó rodou com esse caboclo Lage Mineiro e eu não conhecia ela. De nascido eu tenho 29 anos, de morta ela tem 35 ou 36 anos. A minha avó reconheceu ele, através de uma cantiga que ele trouxe, uma salva. Minha avó começou a chorar no barracão, na primeira vez que viu ele. Foi no aniversário do caboclo de minha avó que é no dia 8 de junho, é no mesmo dia que hoje meu caboclo faz aniversário, foi a primeira vez que ele veio em terra. A gente chama de aniversário, mas para eles é o dia da festa deles. Minha avó reconheceu ele, no momento em que ele foi embora que ele canta assim: Deus lhe de boa viagem/ como deu a saracura/ bateu asa vou-me embora coisa boa não atura. Foi nesse momento que minha avó reconheceu, porque minha avó e minha bisa foram feitas com minha tataravó. Ela era conhecida como Chica de Mineiro, que era o nome do caboclo Lage Mineiro (trecho de entrevista concedida em 25/11/2018)

Os processos que marcam a chegada e o acolhimento de uma pessoa num terreiro de candomblé foram descritos por alguns autores como procedimentos que visam o engajamento corporal dos adeptos a fim de os tornar aptos à determinadas condutas que mobilizam conjuntos de conhecimentos ao seu entorno (LIMA, 2015, p. 85). O período da iniciação religiosa envolve a produção de relações entre condições específicas e sensações definidas (COSSARD, 1966, p. 129) ligadas ao momento da vinda do orixá. Esse processo estabelece transformações que produzem uma sensibilidade do iniciado à presença do orixá e demais entidades com as quais passa a conviver, essas mudanças envolvem a feitura de conexões, do santo (que é feito) e do corpo do iaô (RABELO, 2014, p. 159). O aprendizado desse período engaja outros iniciados da mesma casa na tarefa de

socializar filho de santo e santo para conduzir e tornar cotidianas certas posturas que instituem maneiras de estar e se portar diante de mais velhos, de dançar, de comer, de falar (ARAGÃO, 2014, p. 30), além de abrir vias de conexão entre entidades e iniciados. Para Aragão (2014, p. 13), o recém iniciado precisa aprender a lidar com a presença do santo no campo relacional da sua vida cotidiana, reconhecendo os sinais dessa presença através de disposições corporais que se modulam em resposta a ela. Lage Mineiro é um caboclo, ele se manifestou antes da feitura do pai de santo que roda com ele. A sua primeira manifestação, foi ainda na adolescência, antes da feitura do seu orixá, na ocasião do aniversário do caboclo de sua avó (que é yalorixá). O jovem vislumbra outro caboclo, um boiadeiro apontando para ele, no momento da transação que culmina na primeira manifestação de Lage Mineiro. Três caboclos aparecem entrelaçados nessa primeira manifestação: o da avó, o da futura mãe pequena e o da tataravó (que por sua vez é o próprio Lage Mineiro). A salva de despedida foi uma das proposições que articulou o reconhecimento do caboclo pela avó, do caboclo da tataravó no neto, o que situa a presença de Lage Mineiro, na ativação de uma linha conectiva entre outros dois caboclos e quatro pessoas (tataravó, avó, mãe pequena e filho de santo).

A presença da entidade, se abriu no rodante como um conjunto de possibilidades cinéticas inauguradas por uma experiência radical de movimento seguida de aprofundamento e direcionamento mediado (RABELO 2014, 155), nesse caso pela avó e pela presença do boiadeiro que pode conformar junto a outras entidades, pessoas, substâncias e dinâmicas, a fisionomia particular dessas possibilidades. Levar em conta o processo de se tornar sensível a presença de entidades e se articular as suas requisições parece uma condição para compreender questões relativas às danças dançadas por filhos de santo e as entidades que dançam com eles. Da mesma maneira, parece importante atentar para quem dança quando um filho de santo está dançando e em quais condições essa presença se apresenta. O modo como os caboclos se dispõem em relação em sua composição articulada, pode ser levada em conta, por exemplo, no reconhecimento de determinada entidade (como no caso da presença da cabocla que requer uma disposição por parte dos caboclos distinta da que eles apresentam entre si). Os tipos de vínculos entre diferentes entidades e pessoas, engendram maneiras particulares de formar e performar o movimento de acordo com cada circunstância. Para descrever o processo do movimento tomar forma, não é preciso repartir os momentos envolvidos na experiência da dança em unidades discerníveis destacáveis de sua duração intensiva, ou a elaboração de tipologias de movimentações ou

situações mas de dimensionar o desenrolar ambiental do movimento, nos meios em que ele acontece.

### **Ultimas considerações**

Para Sheets-Johnstone (1966, 6), o sentido de uma dança não é apreendido pelo desenvolvimento de esforço reflexivo ou conhecimento adquirido previamente a própria experiência dessa dança. Cada dança é um fenômeno criado, uma forma dinâmica única, coesa e contínua. A dança nos aparece enquanto um fluxo dinâmico de forças em constante mudança, cujos centros de movimento são os dançarinos. Para a autora, quem dança não é o agente do movimento, mas seu ponto de ocorrência. Ela afirma que acessamos os sentidos de cada dança apenas mediante uma experiência direta em sua totalidade (enquanto dançarinos, coreógrafos ou expectadores), isso não impossibilita a escrita a partir dessa experiência, mas envolve uma obrigação que conecte a escrita com a vitalidade de cada experiência. Nesse caso, o que importa entre uma experiência de dança e uma prática de escrita vinculada a ela é abrir um caminho para a escrita continuar o movimento. Seria possível supor então, que cada dança compõe a condição encarnada para sua emergência, cada dança produz um corpo para poder acontecer (sem descartar aquilo que já viveu, que formula seu modo de estar e se mover) e nesse sentido, a cada nova situação em que a dança acontece, um conjunto de articulações são necessárias para que ela se faça.

Diante disso, podemos pensar que quanto maior a amplitude de alguém interessado em danças (dançarino ou espectador) em se afetar com as condições de ocorrência de uma dança, maior será o espectro da experiência vivida e talvez, maior será a possibilidade de conexão entre experiência dançada e experiência de composição textual. Desse modo, a escrita teria mais chance de se formular enquanto proposição articulada aos fluxos dinâmicos de movimento e suas implicações com aquilo que os compõem, a trama de relações entre ritmos, substâncias, entidades e pessoas. Descrever algumas dessas dinâmicas, suas qualidades e fluxos de formas moventes exige manter a atenção para não dar ênfase a questões irrelevantes ao invés de pensar com as situações, quais perguntas formular. Esse texto é um exercício para manter uma conexão que vincule escrita e experiência viva com a dança.

### **Referências**

- ARAGÃO, Ricardo Pereira Ser rodante é ser-com-outros: A possessão como experiência de alteridade num candomblé em Salvador, Salvador, dissertação de mestrado, 2014;
- COSSARD-BONIN, Giselle A Filha-de-santo in Afro-Asia, Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, 2-3:5-36, 1966;
- MOL, Annemarie & LAW, John, Embodied Action, Enacted Bodies. The Example of Hypoglycaemia, in: Body & Society Vol. 10 (2-3): 2004, 43-62;
- LATOUR, Bruno Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre as ciências in *Objetos Impuros: Experiências em estudos sobre as ciências* Porto: Edições Afrontamento, 2008;
- LIMA, Fabio Diáspora e ancestralidade Salvador: Kawo-Kabiyesile, 2015;
- LODY, Raul Samba de Caboclo Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977;
- RABELO, Miriam C. M. Enredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé Salvador: EDUFBA, 2014;
- SANTOS, Jocélio Teles dos O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia Salvador: SarahLetras, 1995;
- STENGERS, Isabelle Uma ciência triste é aquela em que não se dança In *Revista de Antropologia*, São Paulo, Online, 59(2): 155-186 [agosto/2016];
- STENGERS, Isabelle Introductory notes on an ecology of practices in *Cultural Studies Review*, vol11, nº1, 2005, 183-196;
- SHEETS-JOHNSTONE, Maxine The phenomenology of dance Madison, Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1966;
- TROMBONI, M. A Jurema das ramas até o tronco: ensaio sobre algumas categorias de classificação religiosa. In: CARVALHO, MR., and CARVALHO, AM., org. *Índios e caboclos: a história recontada*. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 95-125.
- Wafer, Jim The taste of blood Philadelphia: University of Pensilvânia Press, 1991;